



INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ  
ORGANIZAÇÃO INTEGRANTE DA COORDENAÇÃO ANARQUISTA BRASILEIRA - CAB



Um dos inúmeros atos contra o aumento da tarifa ocorridos em 2013 no Rio de Janeiro.

**C**andelária, Avenida Rio Branco, Avenida Presidente Vargas, Cinelândia, Avenida Primeiro de Março... O preço da passagem, o aluguel, a alimentação, o custo de vida aumenta para a classe trabalhadora. A política de segurança no Rio de Janeiro, com as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), mata jovens negros trabalhadores e oprime o povo que mora nas favelas. A milícia cresce com a “vista grossa” do poder público. Greves pipocam e são reprimidas pelas forças de segurança, ou são freadas pela burocracia sindical. A Copa do Mundo de 2014 se aproxima apresentando um Brasil que não

## O QUE SOBROU DE JUNHO? UMA REFLEXÃO SOBRE O “PÓS-2013”

existe e é vitrine da propaganda das elites. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (ou plano IIRSA) motivam grandes obras que beneficiam empreiteiros, enquanto povos e comunidades são violentamente despejados. Camponezes, indígenas e quilombolas perdem espaço com o avanço do agronegócio, direitos são retirados por um legislativo conservador, que ataca os LGBTT's. Os alimentos transgênicos são liberados, assim como a barragem de Belo Monte e a Transposição do São Francisco.

A população, que parecia amortecida pela máquina de propaganda midiática começa a se movimentar e apresentar sua insatisfação

com a situação social. Centenas de milhares de pessoas ocupam as ruas, os punhos se elevam até mais de um milhão (com a direita disputando os atos), e os gritos abalam a sociedade brasileira de uma maneira que nunca teríamos pensado. O povo de outras cidades também se mobiliza e o movimento ganha o país.

Há exatos dois anos atrás o Movimento Passe Livre (MPL) iniciava sua vitoriosa jornada de lutas, que terminou com a derrubada do aumento das passagens. Vitória essa que é patrimônio das e dos de baixo, vitória que foi arrancada ao preço de muito gás lacrimogêneo, balas de borracha e luta nas ruas. Junho de 2013 significou não só que o povo ainda está disposto a lutar com unhas e dentes, mas que este é o único caminho possível para a conquista e a defesa de direitos, e para transformar a realidade a partir das demandas populares em di-

reção ao socialismo libertário.

Mas se olharmos para hoje, depois desses dois anos, a conjuntura mudou. O que era esperança, virou decepção. A direita “tradicional” entendeu que o PT, essa direita *envergonhada*, já não tem condição de controlar e domesticar totalmente a raiva das ruas. O avanço das forças conservadoras, os ataques aos direitos dos trabalhadores, o assanhamento da extrema-direita, mostram que os tempos são nebulosos. O governo PT/PMDB continua garantindo o lucro para o capital empresarial e financeiro (nacional e internacional). Não há e nunca houve possibilidade de disputa desse governo, bancado como qualquer outro pelos grandes empresários, empreiteiras, latifúndios e pelo capital financeiro. Governo que pôs o exército nas favelas e prosseguiu com a política

(continua na página seguinte)

### Nesta Edição

#### NOSSAS PERSPECTIVAS E TAREFAS NA REVOLUÇÃO DE ROJAVA

Black Rose / Rosa Negra (EUA) ... pág 3

#### ENTRE CAMPONESES (TRECHOS)

Errico Malatesta ... pág 5

#### ALTERNATIVE LIBERTAIRE REALIZA XII CONGRESSO

... pág 7

#### NÃO AO MACHISMO! ... pág 7

#### DECLARAÇÃO SOBRE O MASSACRE EM SURUC, TURQUIA

Black Rose / Rosa Negra ... pág 7

#### PALESTRA SOBRE A QUESTÃO CURDA EM CAMPOS ... pág 8

#### IDA METT E A PLATAFORMA ... pág 8

#### LIBERDADE PARA RAFAEL BRAGA!

... pág 8

(continuação da página anterior)

de genocídio da população negra e pobre. Governo que beneficia o agronegócio, realiza o menor número de assentamentos na história da reforma agrária no país e impõe um ajuste fiscal de corte neoliberal que faz com que as/os mais pobres paguem a conta da crise internacional. Governo que bem alinhado à classe dominante (vingando-se de 2013) propõe a PL 2.016, que sob a desculpa de combater o “terrorismo” atacará os movimentos populares, organizações políticas e qualquer rebelde que questione o sistema capitalista. O PT portanto, é parte dessa onda conservadora. Um governo que preparou o terreno para a direita mais tacanha avançar com pautas conservadoras, como a da redução da maioria penal e a tentativa de excluir o debate de gênero da educação. Dentro ou fora do governo, a direita faz sua festa e o povo é convidado a assistir.

### Abaixo e à Esquerda

Somos chamados a refletir sobre a conjuntura e a necessidade da organização. Por mais que os momentos da revolta sejam importantes, não são suficientes por si só para mudar a correlação de forças da sociedade capitalista. A ilusão de que tudo mudaria tomando o Estado e elegendo um partido “dos trabalhadores” escorre como água das mãos de seus defensores. 2013 também mostrou que a classe dominante não vai entregar nada de bandeja para as oprimidas e oprimidos. E que as revoltas pontuais se perdem diante da repressão e da organização da classe dominante quando não canalizam e acumulam para uma estratégia coeren-

te. Parte da esquerda tenta seguir o caminho derrotado do PT, reeditando a tentativa fracassada de eleger “deputados combativos” que logo se tornam burocratas desavergonhados e que vão dar a linha nos movimentos e partidos ditos revolucionários.

A espontaneidade da luta também dá lugar à frustração e à decepção quando não acumula para movimentos populares e organismos de base sindical independentes, classistas e anticapitalistas. Quantos revolucionários/as de junho não se decepcionaram com o refluxo do ano que se seguiu? Com muita modéstia sabemos que o campo anticapitalista e autônomo ainda tem muito que avançar para influenciar e gerar força social. O momento é de trabalhar para uma reconstrução urgente do campo combativo dos movimentos populares e sindicatos. Isso não será feito de um dia para o outro mas deve ser construído desde já. O que propomos, sabendo que essa não é só uma tarefa nossa mas de todo o campo anticapitalista, é a construção permanente de movimentos populares bem organizados, independentes e com um projeto bem definido de luta (no campo sindical, comunitário, camponês, estudantil e outros) que supere o governismo pelo método e pela prática. Defendemos o federalismo como metodologia para ga-

rantir a autonomia e a democracia direta na luta dos organismos populares.

Para isso é necessário trabalhar para superarmos a fragmentação das lutas que o capitalismo nos impõe cotidianamente, pois nenhum/a militante ou experiência de poder popular é capaz de resistir isolada e sem apontar para um horizonte estratégico e coletivo. “Cada um fazendo o seu”, mesmo com boas intenções, é tudo o que poderosos querem para nos explorar e esmagar com mais força. Quaisquer experiências, por mais importantes que sejam, se

não confluem para um projeto coletivo, autogestionário e federalista, perdem-se no pragmatismo e no imediatismo do cotidiano.

É preciso abandonar a crença de que o Estado pode ser disputado e que a opção das eleições pode andar junto da opção da luta popular. A única disputa em curso é a disputa interna entre os velhos e novos gerentes do capitalismo. O campo anticapitalista deve ajudar os movimentos a romper com o governismo e propor uma pauta própria e independente. É a rebeldia popular, trancando ruas, ocupando terras e prédios e se organizando com um trabalho de base constante e permanente (nas escolas, fábricas e nos bairros/favelas e no campo) que faz a classe dominante tremer,

apontando para o poder popular (autogoverno). E isso só pode ser feito com movimentos populares **organizados** e com o horizonte de independência e luta. Não vamos fechar fileiras com a velha direita e os raivosos reacionários que marcham apenas para trocar os opressores de lugar. Tampouco vamos defender um governo que desarmou a classe trabalhadora e dela só se alimenta para gerir o modelo de dominação. Nossa saída é a das lutas populares no campo e na cidade. São essas lutas que disputam um projeto de transformação radical de sociedade e que combatem os velhos conservadores e o governismo.

Não há tempo certo nem errado para se construir movimentos populares. A organização não vai cair do céu nem vem com quem lança mais comunicados “radicais”, sem base na realidade concreta. A realidade que desejamos é construída com a vontade permanente das/os de baixo em iniciativas de organização e luta. É dever das/os anarquistas trabalhar como combustível na organização do povo superando o espontaneísmo, o ativismo sem estratégia e a burocracia nos espaços sindicais e populares. Convidamos as/os anarquistas e militantes populares à participar estrategicamente dessa etapa de resistência. Para isso serve o anarquismo, a FARJ e a CAB como ferramentas de organização e luta do povo.

#### Construir o federalismo libertário!

**Povo na rua  
pra resistir e lutar,  
Povo que avança para  
o Poder Popular!**

**Viva a luta popular  
no campo e na cidade!**





## NOSSAS PERSPECTIVAS E TAREFAS NA REVOLUÇÃO DE ROJAVA Black Rose / Rosa Negra (EUA)

Enquanto revolucionários na América do Norte, gostaríamos de apresentar as bases da nossa perspectiva política e, também enquanto organização, concordamos em nos relacionar com os recentes acontecimentos e a luta que ocorre em Rojava no Oriente Médio.

### Nossa Perspectiva

A Revolução de Rojava provavelmente obteve mais avanços rumo ao socialismo libertário do que qualquer outra luta de grande escala, pelo menos desde a insurreição Zapatista. Por apenas essa razão já é importante participar desta luta para sustentar seus elementos mais revolucionários e apoiar como um exemplo internacional do que a auto-organização das classes populares pode alcançar.

Ao mesmo tempo que temos muitas questões sobre a ideologia política do Partido dos Trabalhadores Curdo (PKK) e do Partido da União Democrática (PYD) (o que demandaria um artigo em separado e mais longo), o projeto específico de confederalismo democrático (que é apenas uma parte da sua visão política de “modernidade democrática” e de reorganização da sociedade) tem posto as classes populares do Curdistão em movimento, construindo alternativas autônomas ao capitalismo, opressões e ao Estado. Em Rojava, e em alguns casos também em Bakur, norte do Curdistão, quando a repressão do Estado não proíbe, cooperativas de trabalho estão sendo formadas, terras estão sendo coletivizadas, coletivos de mulheres estão se espalhando, as-

sembleias de comunidades estão tomando o poder, justiça restauradora está substituindo o sistema de tribunal, uma milícia democrática está defendendo a região e outros aspectos de autogestão estão sendo organizados. Isso não é tudo que há nesta luta - parte das terras e capital está planejado a ficar em mãos privadas, o PYD criou um novo Estado mínimo em vez de abolir o estado, conscrição forçada foi eventualmente implantada, políticos do PYD tem buscado influência em países ocidentais, investimentos corporativos estrangeiros estão sendo aspirados etc. Porém, apesar de muita coisa permanecer vaga sobre detalhes específicos do que está acontecendo no chão (até para muitas pessoas que estiveram em Rojava), é claro que grande parte da classe popular no Curdistão está envolvida em um processo revolucionário que nós deveríamos apoiar. Também é bastante claro que já que uma revolução democrática é baseada na vontade do povo, será apenas com uma formação política de longo prazo e organizando trabalhos entre as classes populares de Rojava que a revolução será

generalizada para além da atual minoria ativa e continuará a tomar forma. Acreditamos que temos a responsabilidade de contribuir com esse processo e aprender com ele.

*Black Rose / Rosa Negra* vê a Revolução de Rojava como um grande movimento social com muitas forças sociais puxando e empurrando umas às outras. Estas forças sociais representam interesses de classe e visões políticas contraditórias. Enquanto a visão política de Abdullah Öcalan (líder do PKK e preso pelo estado Turco desde 1999) é a ideologia dominante dentro do movimento, essa visão é por vezes muito vaga e aberta a diferentes interpretações por diferentes forças sociais. Por exemplo, ativistas *queer* dentro do movimento levantaram a questão que a ideologia essencialmente feminista vinda das guerrilhas do PKK excluía identidades *queer* e trans e isso deverá ser superado para o progresso da revolução. Outra contradição é que o programa econômico do socialismo democrático enfatizado por alguns no movimento irá inevitavelmente entrar em conflito com os interesses da elite conservadora dentro do movimento. Ao mesmo tempo que esperamos que o movimento tenha as ferramentas necessárias para continuar a receber críticas internas e fortalecer sua luta contra a opressão, veremos como conflitos sobre exploração de classes irão se desenvolver já que estão entre

(continua na página seguinte)

(continuação da página anterior)

grupos com interesses materiais muito distintos. Em todos esses debates entre diferentes forças, os revolucionários terão que tomar partido, com objetivo de fortalecer nossas próprias políticas e as forças dos companheiros no Curdistão.

Nós apoiamos este movimento em Rojava e no resto do Curdistão como um dos mais fortes em relação ao feminismo, socialismo libertário e uma sociedade com democracia direta que o mundo viu nas últimas décadas. Para continuar avançando em direção a esses objetivos, as forças dentro do movimento que estão mais próximas destes objetivos políticos precisam se fortalecer e serem apoiadas pela esquerda internacional. Senão o movimento encarará a morte nas mãos dos seus inimigos militares ou a reintegração pelo capitalismo (no melhor dos casos o capitalismo social-democrata). Os mesmos resultados virão, a não ser que nós não aproveitemos a oportunidade de trazer para os nossos locais a luta revolucionária para atacar as bases do imperialismo norte-americano e do capitalismo global.

A esquerda, e os anarquistas especificamente, encaram muitas questões de como podemos fazer isso. Pelas nossas reuniões e observações no Curdistão, temos visto muitos modelos diferentes de como revolucionários - curdos, turcos e estrangeiros - estão se envolvendo na luta. Temos visto que a luta em Rojava e

Bakur, apesar de sua natureza ampla, não pode ser separada da sua estrutura organizacional oficial do movimento - as diferentes interconexões políticas estruturais que juntas implementam a ideologia de Öcalan, como o PKK, HDP (Partido Democrático do Povo), PYD, DTK (Congresso Democrático da Sociedade), KCK (União

**TODA SOLIDARIEDADE À  
RESISTÊNCIA POPULAR  
E FEMININA CURDA**



das Comunidades Curdas) etc. Até onde sabemos, todo grupo de esquerda que se integrou seriamente ao movimento de libertação curdo - de stalinistas a anarquistas insurrecionalistas e a Apocu (seguidores do Öcalan) - o fizeram se aliando às estruturas oficiais de algum jeito. Porém, há alguns que fizeram essas alianças se dissolvendo por completo dentro delas, enquanto outros fizeram a aliança e mantiveram diferentes níveis de autonomia organizacional e política. Estes diferentes modelos apresentam um leque bastante complexo de opções de até onde revolucionários podem se envolver com as diferentes forças políticas e sociais

dentro do movimento, trabalhando com os companheiros do Curdistão. Tais opções devem ser avaliadas com cuidado, baseadas tanto na situação do Curdistão quanto na nossa situação, capacidade e objetivos políticos.

Apesar do grande apoio e interesse que a revolução de Rojava tem tido na esquerda dos EUA e Canadá, há pouco apoio organizado, apesar das últimas semanas terem visto um maior alcance de organização. Há grupos de solidariedade a Rojava em duas grandes cidades e um disperso suporte *online*. Nós vemos as razões para isso como, primeiramente, a natureza desorganizada e fragmentada da esquerda nos EUA e Canadá, em especial a esquerda libertária. Segundo, outro importante fator é a falta de uma grande comunidade curda nos EUA e a falta de conexão entre a América do Norte e a esquerda curda ou da região em volta. Acreditamos ser nossa responsabilidade ajudar a mudar essa situação e mobilizar a esquerda e movimentos sociais rumo ao envolvimento com a Revolução de Rojava, enquanto aprendemos com a nossa história de solidariedade com os Zapatistas e Palestinos.

### **Nossas Tarefas**

*Black Rose / Rosa Negra* define como seus objetivos organizacionais o seguinte:

- Criar uma comissão interna para coordenar os esforços da organização e trabalhar com outros grupos de solidariedade

para construir uma rede continental de suporte a Rojava. Uma rede maior pode ajudar a organizar protestos coordenados nos consulados turcos pedindo a suspensão o embargo, coletar material de apoio para sessões legais do movimento de libertação curdo, construir relações diretas com o movimento, fazer formação política sobre Rojava e a política de autonomia e forçar o governo dos EUA a retirar o PKK da lista de organizações terroristas.

- Desenvolver um conjunto claro de princípios políticos a partir dos quais possamos basear nosso trabalho e, a partir deles, desenvolver nossos contatos no Curdistão e iniciar esforços para levantar fundos e material para organização específica anarquista no Curdistão e para grupos mais amplos.

- Priorizar o intercâmbio de militantes entre os EUA e Curdistão, organizando turnês de palestras nos EUA e enviando companheiros/as para participar da reconstrução de Kobane.

- Promover a luta revolucionária de Rojava e fazer formação sobre, compartilhando relatos frequentes de atividades de solidariedade, notícias e análises da situação no Curdistão. Além de traduzir material do Curdistão e enviar material de propaganda traduzido para distribuição aos nossos companheiros no Curdistão.

Tradução: FARJ

Fonte: [www.blackrosefed.org](http://www.blackrosefed.org)

# Entre Camponeses (trechos)

## Errico Malatesta

Alguns textos do anarco-comunista italiano Errico Malatesta foram recentemente traduzidos e publicados aqui no Brasil. Destes podemos destacar dois, “Entre camponeses” (Hedra) e “No café” (L-Dopa), tanto pela força de suas palavras, digo, do conteúdo, quanto pela beleza das mesmas, a forma. Ambos os textos se apresentam como diálogos entre personagens típicos, na verdade, entre os protagonistas da própria ação política de seu tempo, de forma poética, guardando a profundidade do assuntos, por exemplo, da questão camponesa, e a beleza aliada a simplicidade na escrita. Aqui separamos alguns trechos do texto “Entre camponeses”, escrito em 1883, homenageando aqueles que protagonizaram as lutas narradas pelo autor, os homens e mulheres do campo ao redor do mundo.

Tiago: Em relação a isso, tens plenamente razão; mas voltemos a questão. É verdade, sim ou não, que quereis roubar os bens daqueles que possuem?

Pedro: Não é verdade: não queremos roubar absolutamente nada! Mas desejamos que o povo tome a propriedade dos ricos para colocá-la em comum em proveito de todos.

Ao fazer isso, o povo não roubará a fortuna dos outros, mas simplesmente recuperará o que é seu.

Tiago: Como assim? Por acaso a propriedade dos senhores é

nossa?

Pedro: Certamente! É nossa propriedade; é a propriedade de todos. Quem, pois, a deu aos senhores? Que direito tinham de apoderar-se dela, e que direito têm de conservá-la?

Tiago: Mas foram seus antepassados que a legaram.

Pedro: E quem a deu a seus antepassados? Como? Eis homens mais fortes ou mais felizes que



se apoderaram de tudo o que existe, que obrigaram os outros a trabalhar para eles; não contentes de viverem eles próprios no ócio, oprimindo e esfomeando a esmagadora maioria de seus contemporâneos, legaram a seus filhos e netos a fortuna que usurparam, condenando assim toda humanidade futura a ser escrava de seus descendentes, que, de resto, enervados pelo ócio e pela longa prática do

poder, seriam hoje incapazes de fazer o que fizeram seus pais... E isso te parece justo?

Tiago: Se eles se apoderaram da fortuna pela força, nesse caso não. Mas os senhores dizem que suas riquezas são o fruto do trabalho, e não me parece justo tomar de alguém o que adquiriu ao preço de suas fadigas?

Pedro: Sempre a mesma história! Aqueles que não trabalham e que nunca trabalharam falam sempre em nome do trabalho.

Todavia, diz-me como se produziram e quem produziu a terra,

pagá-lo por meio do trabalho e de nossas fadigas? Ora, a única diferença que há entre a terra e o ar, é que, no que concerne à terra, eles encontraram o meio de apoderar-se dela e partilhá-la, enquanto que não puderam fazê-lo em relação ao ar; mas podes crer que se a coisa fosse possível, aconteceria com o ar o que ocorre com a terra.

Tiago: É verdade; isso me parece justo: a terra e todas as coisas que ninguém fez deveriam pertencer a todos.... Mas há coisas que não se fizeram por si só.

Pedro: Certamente, há coisas que são produzidas pelo trabalho do homem, e a própria terra teria pouco valor se não fosse arroteada pela mão do homem. Todavia, por uma questão de justiça, essas coisas deveriam pertencer aquele que a produziu. Por qual milagre elas se encontram precisamente nas mãos daqueles que nada fazem e que nunca fizeram? <sup>1</sup>

Tiago: Mas, então? Não compreendo mais nada.

Pedro: Contudo, não é difícil: queremos pôr tudo em comum.

Partimos desse princípio segundo o qual todos devem trabalhar e que todos devem ser o melhor possível. Neste mundo, não podemos viver sem trabalhar; se um homem não trabalhasse, ele deveria viver do trabalho dos outros, o que é injusto e nocivo. Todavia, evidentemente, quando digo todos devem trabalhar, quero dizer todos aqueles que podem fazê-lo. Os estropiados, os impotentes, os velhos devem ser sustentados pela sociedade,

(continua na página seguinte)

(continuação da página anterior)

porque é um dever humanitário não fazer ninguém sofrer; de resto, todos nos tornaremos velhos, e podemos nos tornar estropiados ou impotentes de um momento para o outro, tanto nós quanto aqueles que nos são caros.

Agora, se refletires bem, verás que todas as riquezas, quer dizer, tudo o que existe de útil ao homem, podem dividir-se em duas partes. Uma, que compreende a terra, as máquinas e todos os instrumentos de trabalho, o ferro, a madeira, as pedras, os meios e transporte etc. etc., é indispensável para trabalhar e deve ser posta em comum, para servir a todos como instrumentos de trabalho. Quanto ao mundo do trabalho, é uma coisa que veremos mais tarde. O melhor seria, creio, trabalhar em comum porque, dessa maneira, produz-se mais com menos fadiga. Por sinal, é certo que o trabalho em comum será adotado em toda parte, pois, para trabalhar, cada um separadamente, seria preciso renunciar à ajuda das máquinas que simplificam e diminuem o trabalho do homem. De resto, quando os homens não precisarem retirar, uns dos outros, o pão da boca, não serão mais como cães e gatos e encontrarão prazer de estar juntos e fazer as coisas em comum.

(...)

A outra parte das riquezas compreende as coisas que servem diretamente às necessidades do homem, como os alimentos, as roupas, as casas. Estas, é preciso colocá-las em comum e dis-

tribuí-las de modo que se possa ir até a nova colheita e esperar que a indústria tenha fornecido novos produtos. Quanto às coisas que serão produzidas após a revolução, quando já não haverá mais patrões ociosos vivendo das fadigas dos proletários famintos, elas serão repartidas segundo a vontade dos trabalhadores de cada localidade. Se estes querem trabalhar em comum, tanto melhor: buscar-se-á regular a produção de modo a satisfazer as necessidades de todos e o consumo de maneira a assegurar a todos o máximo de bem-estar, e tudo estará dito.<sup>2</sup>

Tiago: E se há aqueles que querem viver sem trabalhar? A fadiga é dura e não agrada nem mesmo os cães.

Pedro: Confundes a sociedade tal como é hoje, com a sociedade tal como será após a revolução. A fadiga, disseste, não agrada nem mesmo os cães, mas poderias permanecer jornadas inteiras sem fazer nada?

Tiago: Claro que não, estou habituado ao trabalho, e quando não tenho nada para fazer, tenho a impressão de que minhas mãos coçam; mas há muitos que permaneceriam o dia todo no bar jogando baralho ou flanando por aí.

Pedro: Hoje; mas após a revolução não será a mesma coisa e te direis por quê. Hoje, o trabalho é penoso, mal remunerado e desprezado. Hoje, aquele que trabalha deve matar-se de fadiga, morrer de fome e ser tratado como uma besta de carga. Aquele que trabalha não tem nenhuma esperança; sabe que deverá acabar sua vida no

hospital se não terminá-la nas galés; sem poder cuidar de sua família, nada usufrui da vida e sofre continuamente maus tratos e humilhações de todos os tipos. Aquele que não trabalha, ao contrário, goza de todo conforto; é respeitado, estimado; todas honrarias, todos os prazeres são para ele. Mesmo entre os operários, aquele que trabalha menos e faz as coisas menos penosas ganha mais e é estimado. O que há de surpreendente, então, que as pessoas trabalhem com repugnância e agarrem com ardor a oportunidade de não fazer nada?

Quando, ao contrário, o trabalho se faz em condições humanas, por um tempo razoável, e se conforme às leis de higiene; quando o trabalhador souber que trabalha para o bem estar dos seus e de todos os ho-

mens; quando o trabalho for a condição indispensável para ser estimado na sociedade e que o preguiçoso estiver sujeito ao desprezo público como hoje o espião e o intermediário, quem desejará renunciar à alegria de saber-se útil e amado, para viver num ócio tão funesto a seu corpo quanto a seu espírito?<sup>3</sup>

Trechos do livro *Entre Camponezes*, Editora Hedra, 2009:

1. pág. 41 a 43
2. pág. 48 e 49
3. pág 52 a 54

*Obra originalmente publicada em 1883. Obra didática dedicada ao trabalhador rural como agente legítimo da revolução, trata dos princípios fundamentais que deveriam capacitar os revolucionários do campo em sua luta local, e portanto federativa.*

## “DESCENDENTE”

**sim! sou negro.**

**porem não nasci no zimbábue**

**mas carrego no peito um ato de liberdade.**

**e o fato de saber que sou descendente de zumbi dos palmares.**

**com sua força e garra lutou para conseguirmos liberdade.**

**serei eterno a ti! meu querido zumbi dos palmares.**

**“assumam de onde você veio, não tenham vergonha ou medo de se expressar”**

**sua descendência é o maior tesouro que já conquistamos, após o nosso nascimento.**

**Viva a Liberdade!**

Marcos Vinicius

# Alternative Libertaire realiza XII Congresso



Realizou-se no final de maio o XII Congresso da Alternativa Libertária, nossa organização irmã da França. Mais uma vez pudemos celebrar a solidariedade internacional de nossa corrente.

Numa França marcada pelos ataques da direita sob a política do *Front National*, nossas/os companheiras/os seguem enfrentando o fascismo com a construção das Frentes Sociais, aglutinando todos os setores da esquerda dos movimentos populares. Além de celebrar os 25 anos da AL, e de uma ferrenha luta sindical, o XII Congresso contou com importantes discussões como as de ecologia, feminismo e racismo, e é claro atualizando a linha estratégica da organização. Desejamos toda a sorte à companheirada de AL, e mais do que isso, sabemos que nossos passos seguem na mesma direção, construindo o Socialismo Libertário, a partir do anticapitalismo e da autogestão.

## NÃO AO MACHISMO!

Manifestamos nossa solidariedade à Sâmia Bonfim, militante estudantil na USP que está sendo processada pelo ator misógino e machista declarado Alexandre Frota, que declarou em rede nacional de TV que havia estuprado uma mãe de santo e foi aplaudido pelo apresentador de TV Rafinha Bastos. Sâmia criou um evento numa rede social denunciando o ato deplorável do ator e foi rapidamente intimidada e ameaçada. Tal ataque só demonstra o quanto o feminismo está vivo e é ameaçado pelos setores mais retrógrados da sociedade brasileira.

**Machistas não passarão! Somos todxs Sâmia Bonfim!**



## DECLARAÇÃO SOBRE O MASSACRE EM SURUC, TURQUIA

**BLACK ROSE / ROSA NEGRA (EUA)**

Hoje lamentamos a perda de amigos e amigas, companheiros e companheiras, e renovamos nosso comprometimento com uma luta revolucionária internacional em memória deles e delas.

Meio-dia, na cidade de Suruc, fronteira da Turquia com Curdistão, uma bomba explodiu nos corpos de comunistas, socialistas e anarquistas, que estavam a caminho de ajudar na reconstrução de Kobane. Dezenas de pessoas foram mortas e muitas outras feridas. Um militante da *Black Rose* estava presente ajudando na preparação para uma campanha em suporte a reconstrução de Kobane e Rojava, porém não ficou ferido.

Meia hora após a explosão, a cidade de Suruc tremeu outra vez, quando uma segunda bomba atingiu a fronteira em Kobane. Notícias indicam que foi um ataque de carro-bomba que foi impedido por forças de autodefesa que minimizaram as perdas.

A viagem a Kobane foi organizada pela organização marxista-leninista *Sosyalist Gençlik Dernekleri Federasyonunun* (SGDF) - Associação das Federações da Juventude Socialista. A organização trouxe jovens e famílias inteiras através da Turquia e outros lugares para dar suporte revolucionário a revolução social que está ocorrendo em Rojava. Quase 300 pessoas estavam se preparando para atravessar a fronteira interdita para ajudar na reconstrução da cidade, aprender sobre os desenvolvimentos políticos e conectar as lutas da esquerda turca com o movimento curdo.

Depois da bomba, os primeiros a responder foram os veículos militares armados do estado turco que desceram a rua em frente ao Centro Cultural Amara para bloqueá-la e apontar suas armas aos e as recentemente feridos/as e afligidos/as revolucionários/as. As ambulâncias demoraram tanto tempo pra chegar ao local que carros privados foram organizados para levar feridos/as aos hospitais. Os militares e policiais estavam no local em poucos minutos, tratando de formar uma barreira de policiais antes das ambulâncias chegarem. A vigilância deles não foi uma surpresa já que estavam assediando os ônibus de revolucionários/as a caminho de Suruc naquela manhã, monitorando muitos deles/as e fizeram ligações aos familiares dizendo que seus jovens parentes estavam se juntando a terroristas em Rojava.

Isso demonstra a atitude do estado e é indicativo de uma triste realidade: a Turquia esta continuando sua política de extermínio contra os curdos e esse ataque pode ser visto como a realização da promessa de Erdogan (presidente da Turquia) de deter Rojava a qualquer custo. Nos próximos meses, a *Black Rose* continuará a expandir o plano de organizar comitês e redes em solidariedade a Rojava. Contamos com sua ajuda.

**Biji Rojava! Rojava vive!**

**Secretaria Internacional, Black Rose Anarchist Federation**

**20 de julho, 2015**

## Palestra sobre a questão curda em Campos dos Goytacazes

Com o objetivo de expandir os conhecimentos sobre a Questão Curda aconteceu no dia 11 de abril de 2015, no auditório da Universidade Federal Fluminense-UFF/ESR, em Campos dos Goytacazes, a palestra: "A questão curda: relato da luta por soberania territorial em Rojava (libertação anti-patriarcado, ecológica e anti-capitalista)". A atividade foi promovida pelo *Comitê de Solidariedade à Resistência Curda* e contou com a participação do editor do portal *Kurdish Question*, sociólogo formado na University of Warwick (Inglaterra) e especialista em Oriente Médio, além de uma representante internacional do *Kurdistan Women's Movement* e especialista em Teoria Feminista e na luta das mulheres do Oriente Médio. A atividade teve como público militantes dos movimentos sociais e a comunidade acadêmica, contando com participantes de vários cursos como: Serviço Social, Biologia, Ciências Sociais e Licenciatura em Educação do Campo.

## Ida Mett e a Plataforma

Nasceu em 20 de julho de 1901 na Rússia Imperial. Militante anarquista em Moscou foi detida pelas autoridades bolcheviques nos complicados momentos após a Revolução de Outubro. Conseguiu fugir para a Polônia, e dali para Berlin. Acabaria em Paris, se reunindo com outros anarquistas russos exilados, e entrou para o grupo Dielo Truda, participando ativamente da elaboração da Plataforma. Morreu em Paris, em 27 de junho de 1973. Tem alguns escritos publicados sobre a Revolta de Kronstadt, os camponeses na revolução e na pós-revolução russa e outros.



Organizações integrantes da CAB: Organização Resistência Libertária (CE); Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (AL); Federação Anarquista do Rio de Janeiro (RJ); Organização Anarquista Socialismo Libertário (SP); Rusga Libertária (MT); Coletivo Anarquista Luta de Classes (PR); Coletiva Anarquista Bandeira Negra (SC); Federação Anarquista Gaúcha (RS); Núcleo Anarquista Resistência Cabana (PA).  
[www.vermelhoenegro.net](http://www.vermelhoenegro.net) / [cab.br@riseup.net](mailto:cab.br@riseup.net)



Lúcia Sánchez Saornil

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS - BRASIL: CAB: [www.vermelhoenegro.net](http://www.vermelhoenegro.net) | CABN/SC [www.cabn.libertar.org](http://www.cabn.libertar.org) | ORL/CE [www.resistencialibertaria.org](http://www.resistencialibertaria.org) | Núcleo Negro/PE <http://nucleonegro.noblogs.org> | OASL/SP [www.anarquismosp.org](http://www.anarquismosp.org) | FAG/RS [www.federacaoanarquistagaucha.org](http://www.federacaoanarquistagaucha.org) | Ateneo Libertário Batalha da Várzea <http://batalhadavarzea.blogspot.com.br> | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.noblogs.org> | CAZP/AL <http://cazp.wordpress.com> | CALC/PR <http://anarquismopr.org.wordpress.com> | NARC/PA <http://resistenciabana.noblogs.org> | GEIPA/SC [www.geipajoinville.blogspot.com](http://www.geipajoinville.blogspot.com) | COMPA/MG [www.coletivocompa.org](http://www.coletivocompa.org) | ÁFRICA DO SUL: ZACF [www.zabalaza.net](http://www.zabalaza.net) | ARGENTINA: OSL [www.osl.org.ar](http://www.osl.org.ar) | FACA <http://lafaca.org> | COLÔMBIA: RLPKM [www.redlibertariapmk.org](http://www.redlibertariapmk.org) | BOLÍVIA: OARS [www.oars.tk](http://www.oars.tk) | CHILE: CAL <http://labataladelostrabajadores.blogspot.com> | COSTA RICA: Pró-FAC (Círculo de Estudios la Libertad) <http://revistalibertad.blogspot.com> | FRANÇA: Alternative Libertaire <http://www.alternativelibertaire.org> | CNT Vignoles [www.cnt-f.org](http://www.cnt-f.org) | MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | PERU: USL [www.uslperu.blogspot.com](http://www.uslperu.blogspot.com) | URUGUAI: FAU <http://federacionanarquistauruguay.com.uy> | CSL <http://periodicorojoynegro.blogspot.com> | EUA/CANADÁ: NEFAC [www.nefac.net](http://www.nefac.net) | UCL [www.causecommune.net](http://www.causecommune.net) | ITÁLIA: FdCA [www.fdca.it](http://www.fdca.it) | IRLANDA: WSM [www.wsm.ie](http://www.wsm.ie) | ESPANHA: CNT [www.cnt.es](http://www.cnt.es) | CGT [www.cgt.org.es](http://www.cgt.org.es) | [www.anarkismo.net](http://www.anarkismo.net)

## LIBERDADE PARA RAFAEL BRAGA!

Na sexta, 26/07 a campanha nacional pela libertação de Rafael Braga fez um sarau na Cinelândia, Centro do Rio de Janeiro. O sarau tinha como objetivo fazer uma atividade cultural que marcasse o dia de sua prisão e também arrecadar fundos para sua família. O evento teve participação de diversos movimentos, organizações e coletivos, que foram ao ato prestar solidariedade. Incrivelmente, a polícia enviou para o sarau seis camburões, uma

# LIBERDADE



**RAFAEL BRAGA VIEIRA**  
CONDENADO A 5 ANOS DE  
PRISÃO POR PORTE  
DE DESINFETANTE

viatura e membros da cavalaria, numa nítida tentativa de intimidar os presentes. Policiais infiltrados (P2) também tiravam fotos da militância presente e "acompanhavam" a atividade. Rafael não era militante, nem pertencia a nenhuma organização, mas foi preso por ser pobre e negro, portando uma garrafa de Pinho Sol. Não à toa, é o único já condenado das jornadas de junho de 2013. Isso só demonstra o caráter racista da polícia e do sistema judicial brasileiro. A luta pela libertação de Rafael Braga é uma luta contra o racismo e a injustiça de classe desse sistema de dominação que os meios de comunicação tentam camuflar. A tentativa de intimidação faz parte de uma campanha de criminalização do protesto e da pobreza, assim como da permanente lógica racista do Estado brasileiro. Lembrando que na véspera, três militantes conseguiram habeas-corpus e que o assédio policial tem como intenção provocar e intimidar todas/os aquelas/es que representem uma ameaça ao sistema de dominação capitalista (negros, pobres, revoltados/as). Mão estendida ao companheiro, punho cerrado ao inimigo! Liberdade para Rafael Braga! Fim do processo dos 23!

**Protesto não é crime!**

**BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001**

Entre em contato e faça uma visita: <http://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com>

**Libera, 2.000 exemplares. Agradecemos a todas/os que fazem esta publicação ser possível, até as/os mais anônimos colaboradoras/es.**

Se tem interesse de distribuir ou contribuir com o Libera entre em contato: [farj@riseup.net](mailto:farj@riseup.net)